

977
10/4/97 A-3

Opinião

Água, a crise que se avizinha

Washington Novaes *

Uma semana depois da conferência Rio + 5, na qual a Unesco apresentou estudo mostrando a gravidade da questão da água no planeta, prefeitos da bacia do rio Meia Ponte, em Goiás, promoveram um encontro para discutir os problemas ambientais da região. E o mais grave deles era exatamente o da água. Municípios de 5 e 6 mil habitantes já têm suas sedes, de 3 ou 4 mil, sofrendo com as questões da água: assoreamento provocado pela erosão do solo e desmatamento, poluição por agrotóxicos, despejo de esgotos sem tratamento, despejo de lixo, poluição industrial, de laticínios e frigoríficos e

diante - sem falar nos conflitos entre irrigação e abastecimento, conflitos entre irrigantes, conflitos entre abastecimento urbano e despejo de esgotos.

A água será o maior problema das próximas décadas - repetiu o documento da Unesco. Nos próximos cinquenta anos, os problemas relacionados com a falta de água ou poluição dos recursos hídricos afetarão todas as pessoas no mundo.

Um rápido balanço do que está acontecendo justifica a previsão. Não pára de crescer o número de regiões no mundo já com escassez de água - ao mesmo tempo em que as inundações matam mais pessoas e destroem mais propriedades que os terre-

motos, vulcões e outros desastres "naturais". Cerca de metade da população dos países subdesenvolvidos sofre com doenças transmitidas pela água poluída e mais de 5 milhões de pessoas morrem a cada ano vitimadas por essas moléstias.

As ações humanas continuam a interferir no ciclo hidrológico (com certeza contribuindo para intensificar os desastres "naturais"), seja com o desmatamento, seja com mudanças no uso da terra, com a impermeabilização do solo das cidades, os projetos de transposição de águas de um rio para outro, a irrigação, a construção de canais e represas (já existem no mundo umas 38 mil barragens com pelo menos 15 metros de altura,

A água será o maior problema das próximas décadas

representando mais de 5 mil quilômetros cúbicos de água).

O uso descontrolado da água está levando ao declínio dos aquíferos subterrâneos e à redução do fluxo de muitos rios. Mais água está sendo bombeada dos aquíferos que sua capacidade de recomposição por água infiltrada.

Até mesmo na relativamente protegida Amazônia brasileira a má gestão da água está levando ao declínio acentuado e rápido das espécies exportáveis mais procuradas na pesca, como mostrou recente estudo sobre a foz do Tocantins e do Amazonas.

Não precisaria ser assim, se tomássemos consciência de que a água é um recurso relativamente

escasso. De toda a água do planeta, retirada a água salgada e o que está inacessível em geleiras e aquíferos subterrâneos; restam para nosso consumo menos de 3 milésimos do total (mais precisamente, 0,0026%), dizem os cálculos mais recentes. Isso se traduz num fluxo anual nos rios e outros cursos avaliados entre 35 mil e 50 mil quilômetros cúbicos - que significam 7.420 metros cúbicos por pessoa/ano (essa disponibilidade era de 12.900 metros cúbicos por pessoa/ano em 1970).

Mas a água é distribuída desigualmente. A bacia amazônica, por exemplo, que tem uns 4% das terras do planeta, contribui com 16% para o fluxo total. Enquanto isso, as zonas áridas e semi-áridas do planeta, com 40% das terras, têm apenas 2% do fluxo das águas.

Na verdade, o fluxo disponível para as necessidades humanas mais diretas é de apenas 12.500 quilômetros cúbicos, cerca de um terço do total. Mas enquanto o Canadá dispõe de 100 mil metros cúbicos por pessoa/ano, o Egito só tem 50 metros cúbicos de recursos próprios (o restante do consumo vem do Nilo, partilhado a montante com vários países).

O consumo anual, no mundo, segundo o World Resources Institute, é de 3.240 quilôme-



tros cúbicos, uns 8% da disponibilidade total, o que significa um consumo médio de mais de 600 mil litros por pessoa/ano, ou mais de 1.700 litros

diários. O consumo doméstico, porém, é de menos de 10% do consumo total (69% na agricultura, 23% na indústria). E, no final das contas, fica em 141 litros/dia por pessoa, em média.

No Brasil, o fluxo anual é de 5.190 quilômetros cúbicos (1.760 vêm de outros países), ou seja, 33,6 mil metros cúbicos por pessoa. Mas o consumo ainda é de 1% do total, menos de 37 quilômetros cúbicos ou 245 metros cúbicos por pessoa. Como o consumo doméstico fica em 22% do total, são 67 litros por pessoa/dia, segundo o WRI.

Mas há países em que a escassez de água já significa guerra - como essa da África Central, de que já nem mais se fala, e quando se fala é para fantasiá-la de "conflito étnico", como se não fosse um conflito por recursos naturais entre grupos étnicos distribuídos no espaço de forma conveniente aos ex-colonizadores. Ruanda, um dos envolvidos, só dispõe de 23 metros cúbicos por pessoa/ano (o que quer dizer pouco mais de 60 litros por pessoa/dia); Burundi, de 20 metros cúbicos.

O problema é que o consumo de água multiplicou-se por sete no mundo neste século, crescendo mais que o dobro da taxa de aumento da população. Mesmo no Brasil, a disponibilidade de água reduziu-se para um terço do que era, com o aumento da população, a urbanização, a industrialização (na África e na Ásia, a disponibilidade caiu para 25% do que era; na Europa e nos Estados Unidos, reduziu-se em 40%). E ainda é preciso lembrar que cerca de um terço da população brasileira não tem acesso a redes de água, uns 60% não dispõe de redes de esgotos. Mas continuamos a desperdiçar quase 50% da água que sai dos reservatórios e se perde pelo caminho. Se reduzíssemos esse desperdício para 25%, economi-

zariamos US\$ 1 bilhão por ano. No mínimo, conseguiríamos proporcionar água em boas condições aos 37% da população com renda até dois salários mínimos mensais que não são atendidos.

Como vamos sair dessa enrascada, que será a cada dia mais grave, com o crescimento da população do mundo, com a urbanização progressiva, com o desmatamento que não cessa, com a erosão do solo que se agrava?

O documento da Unesco começa lembrando aquilo que deveria estar sempre presente na cabeça de todas as pessoas: nosso corpo é formado em quase 80% por água; se ela não for de boa qualidade ou faltar... Depois, precisaríamos que os governos atentassem para o paradoxo em que vivem mergulhados: investem bilhões de dólares em projetos e programas sem conhecer a base física sobre a qual eles repousam, e na qual a água é decisiva. Se gastassem uma pequena parcela desses investimentos para conhecer melhor essa base física, evitariam erros e desperdícios enormes.

A água, dizem os cientistas reunidos pela Unesco, deveria estar no topo das prioridades dos governos, das instituições e das pessoas. Sem esse compromisso, "será ilusório acreditar que se poderá mudar o curso da crise que se avizinha".

O acesso a dados sobre recursos hídricos também precisaria ser prioridade - e aqui vale lembrar o que os cientistas disseram na reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) já em 1992: um terço da rede meteorológica brasileira foi fechado, outro terço está sucoado, mais um terço perdeu suas séries históricas sobre chuvas e vazão dos rios porque ficava em áreas que se urbanizaram e nas quais houve modificação localizada das condições climáticas. Além disso, 90% dos meteorologistas brasileiros estavam trabalhando no exterior, por falta de condições locais.

Como fazer, então, para atender à recomendação da Unesco, de melhorar com urgência o monitoramento e a quantificação dos recursos hídricos, especialmente em bacias

partilhadas regional ou internacionalmente?

Será preciso, além de conferir prioridade estratégica e de planejamento, estabelecer legislação competente, administrar por bacias e selecionar alguns "hot spots" (bacias de grandes centros, com poluição pesada) para um tratamento de urgência exemplar, equipar as estações meteorológicas (existem hoje no mundo menos estações que em 1967) e firmar acordos globais no âmbito do sistema ONU.

Pelo passo da carruagem, estamos longe disso tudo. Só no cerrado de Minas Gerais, diz o Atlas Ambiental brasileiro, em 1990 já haviam desaparecido 558 dos 1.138 cursos d'água, com as modificações geradas principalmente pela irrigação intensiva. Alguns dos formadores do rio São Francisco já secaram ou estão nesse processo, como denunciou o então ministro do Meio Ambiente, Rubens Ricupero, advertindo que "o São Francisco já está ameaçado de deixar de ser um rio perene". Em Goiás, segundo levantamentos oficiais, quase 60% dos cursos que servem ao abastecimento urbano estão comprometidos pela poluição, pelo assoreamento, pelo despejo de esgotos.

Os exemplos poderiam ser muitos, mas não é preciso. Num hora em que, junto com a crise que se avizinha, já há

Neste século o consumo de água no mundo foi multiplicado por sete - eis a questão

quem fale em formação de um cartel para controlar o abastecimento em grande parte da Europa e da América Latina (inclusive no Brasil), temos mesmo é que botar as barbas de molho. E criar juízo, enquanto é tempo.

A base de partida já está lançada. Apesar dos vetos presidenciais que a desfiguraram um pouco, a lei que criou a política nacional de recursos hídricos mantém os pontos decisivos: gestão por bacia, participação de todos os usuários na gestão, uso múltiplo da água (um usuário não pode prejudicar nenhum outro), necessidade de outorga para qualquer uso, taxaço por qualquer uso.

Se o Congresso rejeitar os vetos, melhor ainda. Mas, de qualquer forma, temos base sólida para avançar. É só querer. ■

* Jornalista.

